



VOL.6 | N. 12 | JUL/DEZ DE 2020 | ISSN 2359-4489

# ARTE E POLÍTICA: ESTADO E NACIONALISMO



FACES DE CLIQ

## O traço como ato político

Caricaturistas brasileiros e a Primeira Guerra Mundial (1914-1918)

*Fernanda Bana Arouca*<sup>24</sup>

**Resumo:** O surgimento das revistas ilustradas no começo do século XX no Brasil proporcionou uma mudança na transmissão da informação e na formação da opinião pública, bem como teve um importante papel na cobertura da Primeira Guerra Mundial (1914-1918), um evento considerado sem precedentes por sua violência extrema. Os intelectuais à frente desses periódicos foram os mediadores culturais do conflito para os brasileiros, que imaginavam a guerra a partir de seus comentários, dos informes, charges e fotografias. Este artigo se propõe a analisar os trabalhos dos caricaturistas Calixto e Storni, integrantes da revista *O Malho*, que tiveram como tema a Grande Guerra, e a identificar o discurso sobre o conflito veiculado em um contexto no qual a propaganda e a censura da imprensa foram determinantes para o desdobramento do conflito.

**Palavras-chave:** Primeira Guerra Mundial, caricatura, propaganda

### The line as political act

Brazilian caricaturists and the First World War (1914-1918)

**Abstract:** The emergence of the illustrated press in the early 20th century provided a shift in the transmission of the information as well as the shaping of the public opinion. Therefore, such magazines had an important role on the coverage of the First World War (1914-1918). The intellectuals ahead the periodicals were the cultural mediators of the conflict to Brazilians, who imagined the conflict through their comments, reports, political cartoons and photographs. We seek to analyze the work about the Great War of Calixto and Storni, caricaturists that belonged to the magazine *O Malho*, and to identify the discourse about the war conveyed in a context in which the propaganda and censorship of the press were crucial to the development of the conflict.

**Keywords:** First World War, caricature, propaganda

<sup>24</sup> Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em História Social (PPGHIS) da UFRJ, sob orientação da Profa. Dra. Sílvia Adriana Barbosa Correia, e bolsista CAPES. E-mail: banarouca@hotmail.com

A Primeira Guerra Mundial (1914-1918) é definida como uma experiência sem precedentes por sua violência extrema, que promoveu uma mobilização sem precedentes nas nações beligerantes. Em consonância com a definição proposta por John Horne, compreendemos a guerra total como um fenômeno que ultrapassou fronteiras nacionais e dissolveu os limites da frente de batalha, afetando todas as esferas do cotidiano<sup>25</sup>. Ao ser domesticada, isto é, ao suspender a normalidade da vida doméstica, a experiência de guerra foi trazida para o centro da vida de homens e mulheres, e estava fortemente relacionada à maneira como eles a confrontaram e lhe deram sentido<sup>26</sup>. Embora o Brasil tenha tido uma participação militar limitada<sup>27</sup>, o conflito impactou o país e mobilizou a sociedade de diferentes formas, seja no plano político, seja no econômico, ou no cultural. Este artigo se propõe a analisar os trabalhos dos caricaturistas Calixto e Storni, integrantes da revista ilustrada carioca *O Malho*, que tiveram como tema a Grande Guerra. Buscaremos identificar o discurso veiculado em um contexto no qual a propaganda e a censura da imprensa eram determinantes para o desdobramento do conflito.

### Propaganda e cultura de guerra

Manter o moral durante os anos da Primeira Guerra Mundial tinha relação direta com a associação entre o *home front* e a frente de batalha. O cultivo de formas visuais como pôsteres e caricaturas foi central para a propaganda de guerra, assim como a disseminação de estereótipos do inimigo pelos jornais. Em seu estudo sobre pôsteres da Grande Guerra,

<sup>25</sup> HORNE, John. **State, society and mobilization:** in Europe during the First World War. New York: Cambridge University Press, 1997, p. 1. É necessário, no entanto, tomar em conta os diversos usos que o conceito de “guerra total” teve ao longo das décadas, respondendo a agendas específicas. A ideia está originalmente vinculada à narrativa dominante da história militar moderna, informando histórias de combate como a Revolução Francesa e a Guerra Civil Americana, e se relaciona com premissas filosóficas de origem alemã. Dentre elas está a noção de “guerra absoluta” de Carl von Clausewitz, o tipo-ideal weberiano e a de “Der totale Krieg” de Erich Ludendorff. Estamos interessados aqui em seu uso como perspectiva teórica para a análise do fenômeno da I Guerra Mundial no Brasil. Cf. CHICKERING, Roger. Total War. The Use and Abuse of a Concept. In: BOEMEKE, Manfred F.; CHICKERING, Roger; FÖRSTER, Stig (Ed.). **Anticipating total war: the German and American experiences, 1871-1914** Cambridge: Cambridge University Press, p. 13-28, 1999; STRACHAN, Hew. Essay and Reflection: On Total War and Modern War. **The International History Review**, v. 22, n. 2, p. 341-370, 2000 e SEGESSER, Daniel Marc. Controversy: Total War: In: **1914-1918-online**. International Encyclopedia of the First World War. Berlin: Freie Universität Berlin, 2014. Disponível em: <[https://encyclopedia.1914-1918-online.net/article/controversy\\_total\\_war](https://encyclopedia.1914-1918-online.net/article/controversy_total_war)>. Acesso em: 28 mar. 2020.

<sup>26</sup> AUDOIN-ROUZEAU, Stéphane; BECKER, Annette. Violência e consentimento: a “cultura de guerra” do primeiro conflito mundial. In: RIOUX, Jean Pierre; SIRINELLI, Jean François. **Por uma nova história cultural**. Lisboa: Estampa, p. 237-256, 1998, p. 238.

<sup>27</sup> Neutro até abril de 1917, o Brasil se destacou como sendo o único país sul-americano a enviar homens para a Europa em 1918, quando, primeiramente, rompeu relações diplomáticas com a Alemanha e no mesmo ano entrou no conflito. Sua participação contou com o envio de uma missão médico-militar à França, nove oficiais aviadores do Exército e da Marinha para auxiliar nos combates aéreos, e uma Divisão Naval, que foi vítima da pandemia espanhola na África.

*Picture This: World War I Posters and Visual Culture*, o historiador Pearl James chama atenção para o princípio metodológico compartilhado por outros estudiosos: a necessidade do pôster ser lido não apenas visualmente como também dentro de um contexto discursivo mais amplo. Em suas palavras, a evidência iconográfica se examinada de forma isolada pode ser enganadora. Dessa forma, imagens precisam ser inseridas em suas respectivas dimensões culturais, e a “iconografia é incompleta se não se considerar os rituais públicos realizados”, em torno dos memoriais de guerra, por exemplo, “e a retórica encontrada na propaganda escrita, discursos públicos, na imprensa, cartões-postais, e cartas pessoais, que por sua vez são baseados em tradições culturais duradouras”<sup>28</sup>, e, em última análise, são parte da cultura de guerra, algo que procuraremos dar conta a partir da análise da imprensa ilustrada.

Surgido das renovações historiográficas nos anos 1980<sup>29</sup>, e nos termos propostos por Annette Becker e Stéphane Audoin-Rouzeau, o estudo da cultura de guerra se tornou um amálgama diversificado de todos os tipos de evidências, algumas materiais, outras discursivas, de formas como indivíduos e grupos sociais deram sentido à guerra e acomodaram sua vida e linguagem a ela, isto é, como “um conjunto de práticas, de representações, de atitudes, de criações dos anos de 1914-1918. E também dos anos seguintes”<sup>30</sup>. A partir dos novos estudos referentes ao conflito, os debates passaram a girar também em torno das formas discursivas através das quais os contemporâneos ao conflito compreendiam o mundo em que viviam. A ideia de consentimento das sociedades e dos soldados para participar do esforço de guerra é central nessa concepção, abarcando também outros temas como as contribuições culturais e materiais da imprensa e dos intelectuais com o esforço bélico de suas respectivas nações<sup>31</sup>.

<sup>28</sup> JAMES, Pearl. **Picture This: World War I Posters and Visual Culture**. Lincoln: University of Nebraska Press, 2009, p. 20. (“Iconography is incomplete without consideration of public rituals performed elsewhere and rhetoric found in written propaganda, public speeches, the press, postcards, and private letters, which in turn all drew upon longstanding cultural traditions.”) (tradução nossa)

<sup>29</sup> Para um balanço historiográfico da Grande Guerra cf. PROST, Antoine; WINTER, Jay. **The Great War in History: Debates and Controversies, 1914 to the Present**. Cambridge: Cambridge University Press, 2005 e CORREIA, Sílvia. Cem anos de historiografia da Primeira Guerra Mundial: entre história transnacional e política nacional. **Topoi**, Rio de Janeiro, v. 15, n. 29, p. 650-673, 2014.

<sup>30</sup> LEMOINE, Thierry. **Questions d’histoire contemporaine: conflits, mémoires et identités**. Paris: PUF, 2006, p. 136 apud CORREIA, 2014, p. 654.

<sup>31</sup> GASTÓN SÁNCHEZ, Emiliano. La invasión alemana de Bélgica y la movilización visual en la prensa de Buenos Aires. Un estudio sobre las imágenes del diario *Crítica* durante los inicios de la Gran Guerra. **Revista Contemporânea**, n. 8, v. 2, p. 1-39, 2015, p. 4.

A partir da lógica da guerra total, a propaganda<sup>32</sup> foi um recurso essencial para sedimentar as solidariedades necessárias durante os quatro anos e meio de conflito através dos meios de comunicação disponíveis na época. Seu emprego não encurtou sua duração ou determinou seu resultado, mas estabeleceu um vínculo de apoio efetivo entre a sociedade civil e a militar. Lado a lado da mobilização de homens e do aparato técnico, vinha a mobilização das mentes<sup>33</sup>. A propaganda seria, então, uma das possíveis manifestações da cultura de guerra, seja nos países que diretamente participaram do teatro de guerra, seja nos “periféricos”. Nesses termos, o Brasil se inseriu no processo de totalização da guerra, uma vez que diversos setores do país foram direta ou indiretamente afetados por ela, integrando-se a um fenômeno em escala global e transnacional, que se traduziu na mobilização política, econômica, social e identitária das sociedades.

### Imprensa em tempos de guerra

A cristalização e difusão das representações da guerra se deram através de espaços como a imprensa, assim como conferências, associações intelectuais e ligas surgidas em decorrência do conflito<sup>34</sup>. Como nos informa María Inés Tato, foi dentro desse contexto de ativismo social que os intelectuais foram guias e orientadores da opinião pública, oferecendo leituras divergentes da situação internacional, filiadas aos modelos culturais que haviam delineado sua formação profissional<sup>35</sup>. No Brasil, durante a guerra, a herança do sistema de representações da *Belle Époque* possibilitou que a França fosse o paradigma moral para grande parte da intelectualidade. A civilização francesa, encarnando o ideal latino — palco da Revolução de 1789, filha das Luzes e mãe dos Direitos do Homem e do Cidadão — estaria enfrentando a barbárie militarista e expansionista do *Reich* alemão. Dessa forma, um sentimento pró-Aliado, que se confunde com uma francofilia, pôde ser observado já em

<sup>32</sup> Acompanhando o historiador David Welch (2003, p. xix), compreendemos a propaganda como um fenômeno que confirma crenças e não propriamente converte pessoas. Dessa forma, a propaganda não consistiria somente em invenções, mas trabalharia com diversos níveis de verdade. Mais precisamente, ela “pode ser definida como uma tentativa deliberada de influenciar a opinião pública por meio da transmissão de ideias e valores para um propósito persuasivo específico que foi conscientemente pensado para servir ao interesse próprio do propagandista seja direta ou indiretamente”.

<sup>33</sup> WINTER, Jay. Propaganda and the Mobilization of Consent. In: STRACHAN, Hew (ed.). **The Oxford Illustrated History of the First World War**. Oxford: Oxford University Press, 1998, p. 218.

<sup>34</sup> SILVA, André Felipe Cândido da. Nas trincheiras do front intelectual. Henrique da Rocha Lima e a Primeira Guerra Mundial no Jornal do Commercio. **Varia História**, Belo Horizonte, v. 31, n. 57, p. 635-671, 2015, p. 636.

<sup>35</sup> TATO, María Inés. Contra la corriente. Los intelectuales germanófilos argentinos frente a la Primera Guerra Mundial. **Jahrbuch für Geschichte Lateinamerikas**, v. 49, n. 1, p. 205-224, 2013, p. 206.

1914<sup>36</sup>. Essa referência intelectual e o culto à França se combinaram à dominação financeira e comercial da Grã-Bretanha<sup>37</sup>.

O maquinário de propaganda de guerra dos Aliados foi sustentado — ainda que parcialmente — pelos governos, impactando a nível mundial a forma como as populações tanto dos países aliados quanto neutros interpretavam o conflito<sup>38</sup>. A partir do controle dos meios de comunicação entre a Europa e a América Latina foi possível criar um discurso que legitimava a conflagração do conflito<sup>39</sup>.

Para além de escolhas editoriais de publicação, seria um equívoco tomar as notícias veiculadas pela imprensa periódica como fonte neutra sobre a guerra, sobretudo por duas razões. Primeiramente, devido ao sistema em vigor que distribuía essas informações. Ancorada em um complexo sistema de cabeamento e telegrafia, a circulação de notícias no mundo era comandada, desde a segunda metade do século XIX, por um cartel de agências: a francesa Havas (1832), a britânica Reuters (1851) e a alemã Wolff (1849), também conhecida como Continental. Uma vez estabelecido esse oligopólio na Europa — conhecido em inglês como “the Ring Combination” —, a partir de 1859, e depois de diversos acordos, essas agências passaram a “dividir” o mundo em áreas de influência para a coleta e distribuição de notícias.<sup>40</sup> Mais tarde, em 1903, a norte-americana Associated Press (1846) seria incorporada à parceria<sup>41</sup>.

<sup>36</sup> Ainda que seja necessário um aprofundamento das pesquisas no Brasil acerca da I Guerra Mundial, podemos sugerir que a escolha pelo lado francês não foi unanimidade e tampouco a relação binária França x Alemanha seja suficiente para situar a posição de setores da sociedade brasileira nesse período. Concomitantemente, por exemplo, havia círculos neutros — pouco mencionados pela historiografia e que tinham pouco acesso aos meios de imprensa — além de germanófilos, advindos, sobretudo, de mobilizações imediatas de comunidades de imigrantes alemães. Setores das elites militares, membros da hierarquia católica, juristas e homens de leis, assim como sociólogos e filósofos, mesmo que de forma não exclusiva, também deram preferência ao lado alemão no decorrer da guerra (COMPAGNON, 2014, p. 99-103). De fato, um dos mais importantes colaboradores da revista *O Malho* durante a Grande Guerra, Alfredo Storni, foi integrante da Liga Brasileira Pró-Germania.

<sup>37</sup> COMPAGNON, Olivier. **Adeus à Europa**. Rio de Janeiro: Rocco, 2014, p. 82.

<sup>38</sup> GULLACE, Nicoletta F. Sexual Violence and Family Honor: British Propaganda and International Law during the First World War. **The American Historical Review**, v. 102, n. 3, p. 714-747, jun. 1997, p. 715.

<sup>39</sup> A propaganda aliada no exterior não se limitava, no entanto, à censura dos telegramas. A circulação de panfletos, livros e revistas ilustradas como *O Espelho* (enviada para o Brasil e Portugal) e *América Latina* (destinada aos países de língua espanhola) são exemplos do esforço para fixar um imaginário favorável aos Aliados na América Latina. (SANDERS; TAYLOR, 1982, p. 120)

<sup>40</sup> DESBORDES, Rhoda. Havas-Lima o la inclusión del Perú en la red internacional de información del siglo XIX. **Desde el Sur**, v. 10, n. 2, p. 411-448, 2018, p. 417-418 e PIKE, Robert M.; WINSECK, Dwayne. The global media and the empire of liberal internationalism, circa 1910-30. **Media History**, v. 15, n. 1, p. 31-54, 2009, p. 32. Para detalhes da “divisão” mundial em zonas de influência por volta do período da I Guerra Mundial cf. JOHN, Richard R.; SILBERSTEIN-LOEB, Jonathan. **Making news**. The political economy of journalism in Britain and America from the glorious revolution to the Internet. Oxford: Oxford University Press, 2015, p. 129)

<sup>41</sup> PIKE, Robert M.; WINSECK, Dwayne R. **Communication and Empire**. Media Markets and Globalization, 1860-1930. Durham & Londres: Duke University Press, 2007, p. 203.

O segundo motivo pelo qual as notícias eram em grande medida direcionadas é pelo fato das nações beligerantes terem estruturado um sistema de censura de informações tanto do ponto de vista interno quanto externo às suas fronteiras nacionais. Em termos práticos, isso significava que as próprias agências só conseguiriam vender seus telegramas após o crivo oficial daqueles países, que poderiam nesse processo ser suprimidos, modificados ou sofrerem atraso no envio<sup>42</sup>. A busca por um maior controle sobre a narrativa pública do conflito e, em última instância, da recepção do público, estava relacionada com um empenho em estimular o esforço de guerra e manter o moral elevado, alimentando sentimentos que contribuíssem para a vitória final.<sup>43</sup> Para tanto, não só informações de sucesso sobre o inimigo eram em grande medida rejeitadas, como também não era desejável exagerar na divulgação de vitórias e iludir a população civil. Além disso, existia a preocupação para que nenhuma informação de caráter militar chegasse ao inimigo.<sup>44</sup>

Foi sobretudo a partir dessa rede de cabeamento e de companhias que as notícias advindas da Europa sobre a guerra chegavam ao território brasileiro. No entanto, para que pudessem passar pelas estações telegráficas da América do Sul durante a Grande Guerra, elas precisavam estar incorporadas dentro de uma cadeia burocrática e legal das nações aliadas. Em um primeiro momento, a Havas era a principal fornecedora de notícias para o Brasil, logo, a circulação de informações sobre o conflito obedecia à estrutura de funcionamento da agência francesa dentro de seu território nacional, tendo em vista que seria a partir desse funcionamento que as notícias chegariam a diversas partes do mundo repartido pelo cartel.<sup>45</sup>

Com o avanço do processo de totalização do conflito, em janeiro de 1916, para haver uma organização mais sistematizada dessas informações, foi criada a *Maison de la Presse* por Aristide Briand, então Primeiro-Ministro da França.<sup>46</sup> Idealizada para controlar de forma mais eficiente a unidade nacional até o fim da guerra, a organização se dividia em quatro seções: diplomática; militar; de tradução e análise da imprensa estrangeira, e de propaganda. Também

---

<sup>42</sup> DEMM, Eberhard. **Censorship and Propaganda in World War I: A Comprehensive History**. London; New York: Bloomsbury Academic, 2019, p. 10-11.

<sup>43</sup> TUCKER, Spencer C. (ed.). *The European Powers in the First World War: An Encyclopedia*. New York: Ixandon 1996, p. 178-179 e SANDERS, Michael; TAYLOR, Philip M. **British Propaganda during the First World War, 1914-18**. London and Basingstoke: The MacMillan Press, 1982, p. 19.

<sup>44</sup> HOPKIN, Deian. Domestic censorship in the first world war. **Journal of Contemporary History**, v. 5, n. 4, 151-169, 1970, p. 152-155.

<sup>45</sup> Porém não só. A censura inglesa desempenhava papel fundamental, uma vez que o cabeamento transatlântico era administrado pela Grã-Bretanha. Desse modo, depois de passar pela fiscalização francesa, censores ingleses, sob o encargo do War Office, distribuíam as notícias para a América Latina.

<sup>46</sup> FORCADE, Olivier. Voir et dire la guerre à l'heure de la censure (France, 1914-1918). **Le Temps des médias**, n. 4, p. 50-62, 2005, p. 53.

tinha sua ação direcionada tanto para países combatentes, quanto neutros, visando ganhar sua simpatia e aproximação.<sup>47</sup>

A organização francesa informava à imprensa sobre o andamento das ações militares e chegou a contar com 150 censores permanentes, além de 400 temporários. Ela previa o trabalho conjunto e a coordenação da propaganda e da censura a respeito do que seria publicado sobre a guerra, fornecendo informações às agências francesas e, conseqüentemente, às regiões de países neutros que estavam sob o seu controle.<sup>48</sup> A Havas detinha desde a virada do século XX o monopólio informativo de todo o território francês, exercendo influência sobre 300 a 350 jornais<sup>49</sup>. É importante notar que, embora fosse uma empresa privada, ela possuía relação privilegiada com o Governo francês, que chegou ao apogeu com a Grande Guerra.<sup>50</sup>

## O Malho

As revistas ilustradas se encontravam na cadeia de circulação de informações sobre a Primeira Guerra Mundial. Os artistas que contribuía para esses periódicos tinham como fonte para os seus trabalhos notícias que circulavam nos jornais do Brasil, bem como por meio de correspondentes em outros países. Desse modo, para que se tivesse conhecimento sobre o que acontecia do outro lado do Atlântico as informações deveriam passar por diversas mediações na Europa, eventualmente nos Estados Unidos<sup>51</sup>, e também no Brasil<sup>52</sup>. Antes de chegar até no fim dessa cadeia, isto é, antes dos leitores poderem consumir as revistas, se encontrava a cristalização e elaboração da guerra por meio dos traços dos caricaturistas.

<sup>47</sup> PINONOS, Aurore. **Censure et Propagande du Progrès et du Salut Public en 1916**. 85f. Dissertação (Mestrado em Biblioteconomia e Ciências da Informação) — Université Lyon 2 Lumière, Lyon, 2015, p. 23.

<sup>48</sup> SANTOMAURO, Fernando. **As Políticas Culturais de França e Estados Unidos no Brasil**. 191f. Dissertação (Mestrado em História) — Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2007, p. 42 e FORCADE, 2005, p. 53.

<sup>49</sup> PINONOS, op. cit., p. 13.

<sup>50</sup> DESBORDES, 2018, p. 416. Para uma análise detalhada sobre a história e funcionamento da Havas e das outras agências do cartel durante a I Guerra Mundial cf. FRÉDÉRIX, Pierre. **De l'agence d'information Havas a l'agence France-Presse**. Un siècle de chasse aux nouvelles. Paris: Flammarion, 1959, p. 301-326; WOLFF, Jacques. Structure, fonctionnement et évolution du marché international des nouvelles. Les agences de presse de 1835 à 1934. **Revue économique**, v. 42, n. 3, p. 575-601, 1991; DESBORDES, Rhoda. L'information internationale en Amérique du Sud: les agences et les réseaux, circa 1874-1919. **Le Temps des médias**, n. 20, p. 125-138, 2013 e PIKE; WINSECK, op. cit., p. 177-256.

<sup>51</sup> Os Estados Unidos entraram na Grande Guerra em abril de 1917 e estabeleceram seu próprio sistema de censura.

<sup>52</sup> Devido aos limites deste artigo, não será possível o aprofundamento sobre esse ponto, mas é importante ressaltar que o Brasil contou com o estabelecimento de uma censura oficial a partir de sua entrada na guerra, em outubro de 1917, que se organizou a partir dos governos estaduais, contando com a participação dos Ministérios das Relações Exteriores, Viação e Obras Públicas, e Justiça e Negócios Interiores. Ela permitiu a criação da Comissão Nacional de Censura, e vigorou pelo menos até o fim do estado de sítio, em 31 de dezembro de 1918.



Dentre as dezenas de revistas que circulavam na capital federal no início do século XX, nos debruçamos sobre *O Malho*, que circulou semanalmente entre 1902 e 1954<sup>53</sup>, tendo sido fundada na cidade do Rio de Janeiro por Luis Bartolomeu. Se no princípio era veiculada ao conteúdo humorístico, a partir de 1904 a publicação passou a ter conteúdo voltado para sátira política e ficou famosa pelo tom de ironia de suas charges e caricaturas, disputando espaço com a popular *Revista da Semana*<sup>54</sup>. Outros nomes da boemia fluminense também participaram da equipe como Olavo Bilac, Guimarães Passos, Pedro Rabelo, Renato de Castro, Emílio de Meneses e Bastos Tigre e entre os que assinavam suas caricaturas e charges estavam grandes nomes nacionais como K. Lixto, Raul Pederneiras, J. Carlos, Crispim do Amaral, Alfredo Storni, Augusto Rocha, Yantok, Loureiro, entre outros.

Algo era recorrente nas revistas da época. Seu editorial desde a primeira edição anunciava um caráter satírico e humorístico, um manifesto que se alinhava ao projeto desses periódicos de serem os porta-vozes da modernidade, e que visava angariar desde o início a simpatia do público. No caso de *O Malho*, seu projeto tinha como objetivo atingir o “Público”, isto é, o leitor mais sofisticado, embora tenha sido muito popular entre as camadas mais populares, como barbeiros e engraxates.

Durante a Grande Guerra, *O Malho* contou com diversos colaboradores, sendo Kalixto o de maior destaque, assinando mais da metade das 77 capas analisadas. Calixto Cordeiro, que também trabalhou para a *Fon-Fon*, outra revista propriedade de Jorge Schmidt, participou da fundação de *O Malho* e trabalhou não só com caricaturas como também com anúncios. Segundo Herman Lima<sup>55</sup>, sua especialidade era a apresentação irônica da sociedade de pequenos burgueses que passaram por uma rápida pseudo-aristocratização. Ficou conhecido por representar esnobes, cavalheiros de fraque e madames pomposas, e também por dar espaço para os bastidores da política brasileira com suas charges de caráter chistoso.

Outro artista que figura no nosso levantamento é Alfredo Storni, que teve uma quantidade considerável de trabalhos selecionados (19,4%). Storni passou a colaborar à distância com a revista no ano de 1906, já que residia no Rio Grande do Sul. No ano seguinte, Luis Bartolomeu o chamou por telegrama para trabalhar de forma definitiva na equipe

---

<sup>53</sup> Devido a sua contraposição à Aliança Liberal, ficou impedida de circular por alguns meses após a Revolução de 1930.

<sup>54</sup> Fundada por Álvaro de Teffé em 1900, a *Revista da Semana* foi pioneira no uso de técnicas de fotozincó e fotogravura nesse tipo de publicação.

<sup>55</sup> LIMA, Herman. **História da Caricatura no Brasil**. 4 volumes. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1963, p. 143.

artística da publicação e em pouco tempo Storni já assinava suas capas, investido também na função de redator efetivo.<sup>56</sup> Em 1918, foi o artista que mais assinou ilustrações relacionadas à Primeira Guerra Mundial (39,2%).<sup>57</sup>

A partir da análise tanto das capas quanto das charges publicadas internamente na revista, constatamos que *O Malho* teve posicionamentos variados entre os anos da guerra. No entanto, embora reconheçamos que cada artista-colaborador se expressasse de forma única e representasse o conflito com nuances próprias de seu traço e de seu posicionamento político, para esta pesquisa buscamos compreender a narrativa sobre a Primeira Guerra Mundial na revista de forma mais ampla. Nesse sentido, analisamos as centenas de publicações relacionadas ao tema da Grande Guerra com o intuito de identificar qual foi o discurso geral sobre o conflito mundial veiculado entre os anos de 1914 e 1918, que assumia um posicionamento editorial por parte do periódico.

A princípio, nas publicações de 1914, podemos perceber uma desilusão em relação à Europa, tema abordado pela historiografia da Primeira República<sup>58</sup>. O conflito foi percebido como carente de sentido e as nações beligerantes julgadas como bárbaras, destruindo o “patrimônio da Humanidade”, que não era de posse exclusiva dos europeus. Em sua interpretação, os artistas retrataram o Brasil como um modelo de liderança na América do Sul, em que a civilidade residiria na manutenção da neutralidade e na mediação pela paz. Nesse primeiro momento, as críticas em relação à influência estadunidense no que seria a América Latina eram mais aparentes.

No que se refere aos Estados Unidos, as representações e posicionamentos da revista variaram durante os anos de 1914 a 1918. Em relação à Doutrina Monroe<sup>59</sup>, *O Malho* não

<sup>56</sup> LIMA, op. cit., p. 1226-1228.

<sup>57</sup> Outros artistas que pudemos identificar foram Raul Pederneiras, Yantok, Loureiro, entre outros. Quanto à ausência de autoria em algumas ilustrações (15,5%), essa questão pode ser entendida como uma particularidade desse tipo de publicação e um forte traço das tradições orais brasileiras, já que era prática comum artigos que não fossem assinados, parte de uma crença na escrita plural e autoria coletiva. Muitas vezes se recorria também a pseudônimos ou personagens-símbolos, como é o caso de Zé Povo. A maioria das ilustrações que tinha autoria definida era creditada a K. Lalixto que, juntamente com J. Carlos e Raul Pederneiras, lançou as diretrizes para a caricatura nacional.

<sup>58</sup> CARVALHO, José Murilo. **A Formação das Almas**. O imaginário da República no Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 1990, p. 32-33.

<sup>59</sup> A interferência europeia no sistema político do continente americano seria interpretada pelos Estados Unidos como uma atitude como hostil. A Doutrina Monroe se tratava de um princípio nacional e unilateral por parte dos Estados Unidos, cujas raízes ideológicas remontam ao início do século XIX. Já a promessa de uma aliança pan-americana teve sua origem na organização na Conferência Inter-Americana de 1889-1890. No início do século XX, o contexto político favorável do continente permitiu a progressiva institucionalização do American Institute of International Law (AAIL) em direção à construção de uma ordem legal pan-americana, e o avanço das relações diplomáticas entre a Argentina, Brasil e Chile (ABC). Embora, durante a Revolução Mexicana (1910), Wilson

escondia seu descontentamento com a interferência dos Estados Unidos nos assuntos brasileiros e latino-americanos em geral<sup>60</sup>. Se, por um lado, as nações do continente americano não deveriam se intrometer nos assuntos europeus, por outro existia a resistência de uma submissão aos Estados Unidos, seria a troca da dependência pela Europa pela norte-americana<sup>61</sup>. O posicionamento mudou, porém, com a entrada de Nilo Peçanha no cargo de chanceler, em 1917.

De fato, durante os primeiros anos da I Guerra Mundial, a imagem do continente europeu decadente é predominante em *O Malho*. O desprezo pela Paz Armada<sup>62</sup> e a carnificina e destruição já nas primeiras semanas de conflito geraram prontamente críticas dos artistas-intelectuais. Na capa de Storni a seguir (Imagem 1), a terceira a ter como tema a Grande Guerra, a Europa chora pela matança e destruição que se vê mais ao fundo. A América, também representada por uma mulher, e Zé Povo<sup>63</sup> observam de longe. Para ambos, a Paz Armada na verdade estaria a serviço da ambição e do imperialismo.

---

tenha investido em um pacto pan-americano entre os Estados Unidos e os países do ABC, buscando legitimar a Doutrina Monroe no hemisfério ocidental, o mesmo nunca foi posto em prática. No entanto, intelectuais como Rui Barbosa — um dos membros fundadores do AIIIL em 1915 — e Alejandro Alvarez, acreditavam que o fim da Grande Guerra reconfiguraria o direito internacional, e defendiam uma política pan-americana liderada pelos Estados Unidos após o fim do conflito. Para definições mais precisas das duas políticas cf. DOZER, Donald Marquand. Introduction. In: DOZER, Donald Marquand (Org.). **The Monroe Doctrine: Its Modern Significance**. New York: Knopf, 1965, p. 3-38 e SCARFI, Juan Pablo. **The hidden history of international law in the Americas**. Empire and Legal Networks. Oxford; New York: Oxford University Press, 2017, p. 63-69.

<sup>60</sup> As campanhas militares dos Estados Unidos no México e o conflito entre os dois países pelas delimitações de suas fronteiras na década de 1910 foram cobertos pela revista. Essa oscilava entre a falta de visão mexicana por comprar briga com um país tão forte, criticando a “anarquia” no país, e a intervenção por vezes autoritária norte-americana. De todas as formas, nas charges a América do Sul ou os países do ABC eram espectadores do conflito e se viam com a responsabilidade de restaurar a paz, reforçando mais uma vez seu caráter missionário a favor da concórdia continental. Exemplos nas edições: 14 de março de 1914, n. 600, p. 11; 25 de abril de 1914, n. 606, p. 35; 14 de agosto de 1915, n. 674, p. 39; 04 de setembro de 1915, n. 677, p. 25; 17 de junho de 1916, n. 718, p. 60; e 01 de junho de 1916, n. 720, p. 21, 22 e 31.

<sup>61</sup> *O Malho*, 18 de março de 1916, n. 705, p. 11 e 15 de abril de 1916, n. 709, p. 01.

<sup>62</sup> Período que abrange a segunda metade do século XIX até a conflagração da I Guerra Mundial, com grande avanço na produção bélica das potências europeias.

<sup>63</sup> A construção de tipos, que vinculavam ideias, situações e diferentes valores, como é o caso do personagem Zé Povo, possibilitava uma identificação por parte do público, adentrando em seu cotidiano e, dessa forma, garantindo a popularidade das revistas.

### Imagem 1 – A Hecatombe Europeia por Storni



O MALHO, 22 de agosto de 1914, p. 1. (FBN)

Ao longo do conflito, uma relação mais estreita com os Estados Unidos foi sendo firmada e, com a entrada na guerra deste último, foi manifestado o apoio por parte dos que estavam à frente da revista para que o Brasil também rompesse a neutralidade. O Ministro das Relações Exteriores Lauro Müller deixou o cargo em abril de 1917, depois de fortes críticas pela condução da política internacional, que se traduziram em acusações de traição por conta de sua ascendência germânica, fato que se entrelaça com uma depuração interna, identificando a população alemã como um potencial inimigo da nação. A chancelaria passou, então, para Nilo Peçanha, cuja principal diretriz era a aproximação com os norte-americanos<sup>64</sup>.

<sup>64</sup> Sua escolha se relacionava com outros interesses da política nacional, sugerindo que tenha sido uma compensação por seu apoio à chapa oficial de Venceslau Brás. Nome que congregava elites oligárquicas secundárias do país, ao ser nomeado ministro, Nilo Peçanha deixou o segundo mandato como governador do Estado do Rio de Janeiro (1914-1917) e consagrava a partir de então uma aliança entre o nilismo e o poder federal. Cf. FERREIRA, Marieta de Moraes (Coord.). **A República na Velha Província**. Rio de Janeiro: Rio Fundo, 1989, p. 214-215.

A ideia que o sul do Brasil poderia vir a sofrer uma eventual intervenção e, conseqüentemente, domínio por parte da Alemanha era ventilada havia anos. O chamado “perigo alemão” se traduzia em um sentimento de desconfiança em relação às colônias alemãs<sup>65</sup>. Suas populações eram vistas não só como estrangeiras, como também protestantes; porém, por sua heterogeneidade cultural não era, entretanto, uma comunidade coesa como se postulava. Essa percepção se entrelaçava com postulados de intelectuais e políticos no período da Primeira República, que se empenhavam na construção do regime republicano e da identidade nacional. Logo, sob essa perspectiva, os teuto-brasileiros colocariam em risco a integridade nacional, que não comportava duplas nacionalidades<sup>66</sup>.

A grande virada no discurso de *O Malho* aconteceu no início de 1917, quando a guerra submarina alemã fez com que o posicionamento do Brasil em relação ao conflito se alterasse. Antes do torpedeamento do navio *Paraná*, não parecia haver muitas dúvidas sobre a manutenção da neutralidade do país, entretanto, ao ser atingido, o país rompeu no dia 11 de abril as relações diplomáticas com a Alemanha se mantendo, contudo, ainda neutro. Interesses de natureza política e econômica estavam em jogo com a possível entrada na guerra quando aconteceu o incidente, contudo, a revista procurou veicular a mensagem de que acima de tudo a honra e a soberania nacional teriam sido ultrajadas. O que estaria em jogo era a própria existência da nação. Aqui constatamos que não houve um total afastamento da Europa. Pelo contrário, se antes houve um julgamento moral e político em relação àquele continente, a partir de então o discurso passava agora a vincular o lugar do Brasil no concerto de nações ao lado dos Aliados e os alemães como o verdadeiro e bárbaro inimigo a ser derrotado.

Desse modo, em novembro de 1917, a opinião expressa pelo periódico através da arte dos caricaturistas era de que a Alemanha levou todos à guerra. Na capa do dia 10 desse mês (Imagem 2), a figura personificada da América tira satisfações com o general alemão Erich Ludendorff; a legenda da reitera a mensagem da imagem: “*Maldito! Não basta*

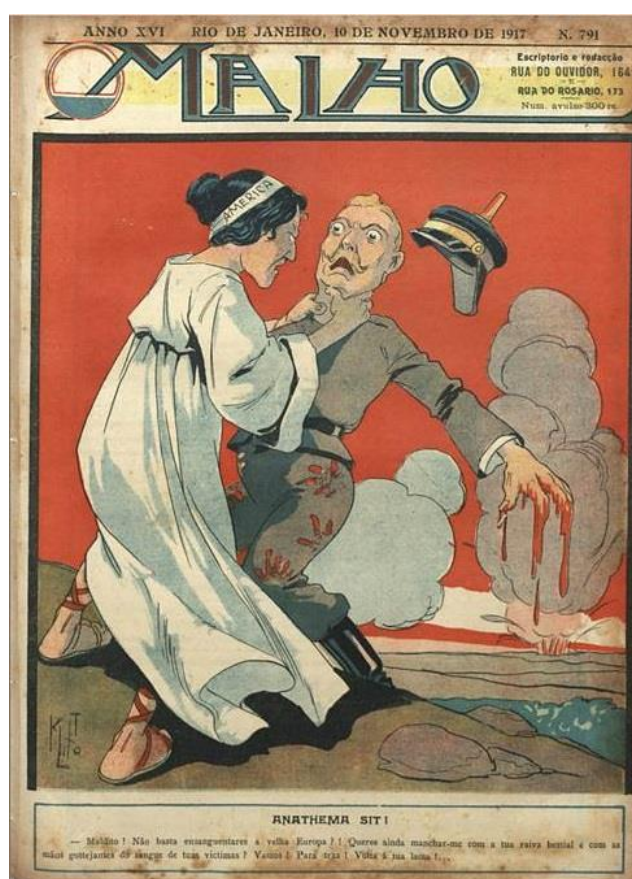
<sup>65</sup> Um dos expoentes dessa ideia foi o crítico literário Sílvio Romero. Em conferência no Real Gabinete de Leitura Português intitulada *O elemento português no Brasil* e, posteriormente, em 1906 com algumas modificações na publicação da obra *O alemanismo no sul do Brasil*, Romero argumentava que os alemães não eram passíveis de assimilação devido à diferença cultural e racial existente entre estes e os brasileiros. Apartados do restante do país e prósperos economicamente, eventualmente buscariam a independência política. O alemanismo e o “perigo alemão” apareceram ainda nas obras de autores como Graça Aranha, Vianna Moog e Bayard Mércio. (In: PIRES, Livia Claro. **Intelectuais nas trincheiras:** a Liga Brasileira pelos Aliados e o debate sobre a Primeira Guerra Mundial (1914-1919). 2013. 171f. Mestrado (Dissertação em História) — Centro de Ciências Sociais, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2013, p. 125)

<sup>66</sup> VOGT, Olgario Paulo. O alemanismo e o perigo alemão na literatura brasileira da primeira metade do século XX. **Signo**. Santa Cruz do Sul, v. 32, n. 53, p. 225-258, 2007, p. 226.

*ensanguentares a velha Europa?! Queres ainda manchar-me com a tua raiva bestial e com as mãos gottejantes do sangue de tuas victimas? Vamos! Para traz! Volta á tua lama!...*”

Podemos reparar na referência à “natureza bestial alemã”, sedenta de sangue, e o uso expressivo da cor vermelha<sup>67</sup>. Ainda que a “barbárie do tempo dos Hunos” não seja mencionada (como havia ocorrido em 1914), nesse momento os alemães são identificados como os deflagradores da guerra. A imagem sugere também que tanto a participação dos Aliados quanto a entrada da América (isto é, de todo o continente) se deu por uma questão de defesa. Podemos sugerir ainda uma relação com a manifestação do estado de guerra no Brasil, em 26 de outubro de 1917, após o torpedeamento do vapor *Macau*.

### Imagem 2 – Anathema Sit por Kalixto



O MALHO, 10 de novembro de 1917, p. 1. (FBN)

<sup>67</sup> Vale ressaltar, por um lado, a escolha deliberada das cores e a atribuição específica de seu significado em cada trabalho pelos artistas e, por outro, a limitada opções de impressão durante a modernização da imprensa brasileira e, nesse caso, carioca.

Com a possível entrada do Brasil na guerra, tanto o almirantado inglês quanto norte-americano via a posição do país no continente de forma estratégica. Em agosto de 1917, o embaixador inglês enviou uma nota secreta a Washington comunicando as vantagens de ter o Brasil como aliado no conflito pela possibilidade de confiscar navios alemães retidos e pelo estabelecimento de um serviço de censura em Pernambuco, que impediria comunicações entre a Alemanha e os países da América do Sul via Espanha e Portugal<sup>68</sup>.

Desde meados de 1917, as tensões internas no país tinham se intensificado pelas paralisações anarco-sindicalistas em São Paulo e a necessidade, segundo o governo federal, de manter o controle da região sul, tendo em vista a grande quantidade de colonos alemães, muitos deles pangermanistas fanáticos. As greves tinham origem na política adotada pelo Brasil diante da crise econômica internacional. Em consequência da inflação, as condições de vidas dos trabalhadores se agravaram profundamente levando a uma greve geral em julho de 1917 na cidade de São Paulo. O operariado urbano era constituído por muitos imigrantes oriundos de regiões industrializadas da Europa e, além de terem influências anarquistas e socialistas, também eram em boa parte pacifistas<sup>69</sup>.

No Rio de Janeiro, houve solidariedade por parte da categoria, mas o movimento foi frustrado pelos apelos do presidente da República para que retornassem ao trabalho por conta da “pátria estremecida”. Segundo Francisco Vinhosa, uma onda nacionalista atingiu o país e teve impacto no movimento dos trabalhadores, contudo, por conta do estado de sítio instaurado em novembro, verificou-se também uma forte ação policial para acabar com a greve<sup>70</sup>.

Esse quadro de instabilidade levou a que se decretasse o estado de sítio<sup>71</sup> no Sul e Sudeste no dia 17 de novembro de 1917, que suspendeu direitos civis e garantias constitucionais<sup>72</sup>. O instituto, proposto por Rui Barbosa, foi prorrogado duas vezes, até 31 de

<sup>68</sup> VINHOSA, Francisco Luiz Teixeira. **O Brasil e a Primeira Guerra Mundial**: a diplomacia brasileira e as grandes potências. Rio de Janeiro: IHGB, 2015 [1990], p. 115-116.

<sup>69</sup> Ibid., p. 146.

<sup>70</sup> Ibid., p. 147-148.

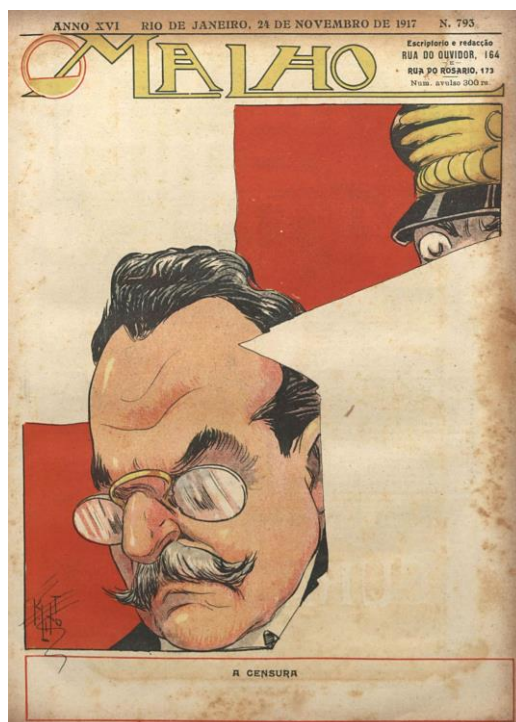
<sup>71</sup> BRASIL. **Decreto nº 12.716, de 17 de novembro de 1917**. O Presidente da Republica dos Estados Unidos do Brasil; usando da autorização contida no art. 1º da lei n. 3.393, de 16 de novembro deste anno, DECRETA: Artigo unico. São declarados em estado de sitio o Districto Federal e os Estados do Rio de Janeiro, S. Paulo, Paraná, Santa Catharina e Rio Grande do Sul, ficando suspensas as garantias constitucionaes. Disponível em: <<http://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1910-1919/decreto-12716-17-novembro-1917-511430-republicacao-96146-pe.html>> (Acesso em: 17 abr. de 2017). A lei 3.393, que deu origem ao decreto e autoriza que se declare estado de sítio em todo o território brasileiro se necessário, por conta da declaração de guerra, se encontra em: <<http://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/1910-1919/lei-3393-16-novembro-1917-572815-publicacaooriginal-96124-pl.html>> (Acesso em: 26 fev. 2018).

<sup>72</sup> DARÓZ, Carlos. **O Brasil na Primeira Guerra Mundial**. São Paulo: Contexto, 2016, p. 108 e 110.

dezembro de 1918<sup>73</sup>. A capa de *O Malho* abaixo (Imagem 3) circulou uma semana após a instauração da medida provisória e tem como destaque a figura de Aurelino Leal nomeado chefe da polícia do Distrito Federal pelo presidente Venceslau. Em segundo plano, o Kaiser está parcialmente cortado, o que sugere uma representação visual da supressão de informações. A assinatura de K. Lixto, autor da ilustração, está rasurada, indicando uma crítica à censura ou uma forma de evidenciá-la. Nota-se também que a caixa de texto está vazia, reforçando a omissão.

A execução da censura em vigor a partir do estado de guerra não foi homogênea e tampouco foi restrita aos desdobramentos do próprio conflito, pois se chocou com interesses políticos nacionais internos. O estado de sítio foi sendo lentamente aderido, e não estabelecido de forma unânime. O instituto abriria brechas para que a censura vinculada ao estado de beligerância cerceasse opiniões e informações que não se restringiriam ao esforço de guerra. Essa censura se desdobraria em três grandes tipos: a telegráfica, a postal e a da imprensa. Podemos mencionar ainda uma quarta, embora menos rastreável, que é a telefônica.

**Imagem 3 – A Censura por Kalixto**



O MALHO, 27 de novembro de 1917, p. 1 (FBN)

<sup>73</sup> ABREU, Alzira Alves de. **Dicionário histórico-biográfico da Primeira República (1889-1930)**. Rio de Janeiro: FGV, 2015. Disponível em: <<https://books.google.com.br/books?id=vi2HCgAAQBAJ&hl>> Acesso em: 21 jul. 2020.



Avaliamos que de forma análoga ao desenvolvimento da guerra na Europa, no Brasil medidas repressivas também foram impostas para assegurar a conciliação nacional e o estado de guerra. Além do sufocamento de greves e revoltas, o controle de informações foi considerado essencial por aqueles que estavam no poder. Dessa forma, não só a veiculação de propaganda por meio da imprensa seria importante, mas também a supressão de informações. Entretanto, o incômodo e questionamento dos que estavam no comando de *O Malho*, no que diz respeito à censura e à necessidade da proclamação do estado de sítio, eram concomitantes a um sentimento patriótico, de mobilização a favor da guerra, na luta a favor do Direito e da Civilização.

### **Considerações Finais**

A Primeira Guerra Mundial inaugurou as primeiras campanhas massificadas de propaganda do século XX, desenvolvidas por parte dos estados em guerra para incentivar o apoio da população civil a favor de sua causa, conquistar a simpatia e a cooperação de países neutros, instigar o ódio contra os inimigos e reforçar o apoio de seus aliados. O cultivo de formas visuais como pôsteres e caricaturas foi central para que essa modalidade de propaganda fosse efetiva, assim como a disseminação de estereótipos do inimigo pela imprensa. Encontrando-se nas preocupações e esperanças de seu tempo, a propaganda de guerra deveria aprimorar e ressoar em crenças pré-existentes para persuadir a população. Nesse contexto, a revista *O Malho* se apresentou como um espaço onde caricaturistas — tal qual Carlixto e Storni — puderam expressar, através de sua arte, posicionamentos políticos que, em última análise, impactaram na forma como a Grande Guerra seria interpretada por milhares de brasileiros.

A partir da noção de guerra total, entendemos que o esforço de guerra tinha um escopo muito maior do que poderia se supor a princípio, mobilizando diversos setores das sociedades afetadas diretamente ou indiretamente pelo conflito. Os estudos da guerra total vão além não só das fronteiras nacionais como também do continente europeu. Países neutros, como foi o caso do Brasil até abril de 1917, desviaram verbas e investiram em produção (como a alimentícia ou de armamentos) para suprir a Europa. No Brasil, o debate foi acirrado e a intelectualidade se posicionou desde o início.

Não podemos generalizar as discussões em *O Malho* a nível nacional tendo em vista que estamos tratando da cidade do Rio de Janeiro que, enquanto capital federal, tinha uma

dinâmica e identidade próprias. Mais do que isso, o grupo em questão — os intelectuais-humoristas — era delimitado e tinha suas demandas. Fazia parte da linha editorial da revista ser combativa e, por meio da ironia e do humor, comentar a política nacional. No entanto, como expressão de uma cultura de guerra, a produção desses atores não pode ser descolada de uma perspectiva mais ampla, na qual o seu trabalho na imprensa diária cultivava formas de representação e interpretação sobre a Primeira Guerra Mundial no Brasil.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AUDOIN-ROUZEAU, Stéphane; BECKER, Annette. Violência e consentimento: a “cultura de guerra” do primeiro conflito mundial. In: RIOUX, Jean Pierre; SIRINELLI, Jean François. **Por uma nova história cultural**. Lisboa: Estampa, p. 237-256, 1998.
- CARVALHO, José Murilo. **A Formação das Almas**. O imaginário da República no Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.
- CORREIA, Sílvia. Cem anos de historiografia da Primeira Guerra Mundial: entre história transnacional e política nacional. **Topoi**, v. 15, n. 29, p. 650-673, 2014.
- COMPAGNON, Olivier. **Adeus à Europa**. Rio de Janeiro: Rocco, 2014.
- DARÓZ, Carlos. **O Brasil na Primeira Guerra Mundial**. São Paulo: Contexto, 2016.
- DESBORDES, Rhoda. Havas-Lima o la inclusión del Perú en la red internacional de información del siglo XIX. **Desde el Sur**, v. 10, n. 2, p. 411-448, 2018.
- \_\_\_\_\_. L'information internationale en Amérique du Sud: les agences et les réseaux, circa 1874-1919. **Le Temps des médias**, n. 20, p. 125-138, 2013.
- DEMM, Eberhard. **Censorship and Propaganda in World War I: A Comprehensive History**. London; New York: Bloomsbury Academic, 2019.
- DOZER, Donald Marquand (Org.). **The Monroe Doctrine: Its Modern Significance**. New York: Knopf, 1965.
- ELLUL, Jacques. **Propaganda: The Formation of Man's Attitudes**. New York: Vintage Books, 1973.
- FERREIRA, Marieta de Moraes (Coord.). **A República na Velha Província**. Rio de Janeiro: Rio Fundo, 1989.
- FORCADE, Olivier. Voir et dire la guerre à l'heure de la censure (France, 1914-1918). **Le Temps des médias**, n. 4, p. 50-62, 2005.

- FRÉDÉRIX, Pierre. **De l'agence d'information Havas a l'agence France-Presse**. Un siècle de chasse aux nouvelles. Paris: Flammarion, 1959.
- GULLACE, Nicoletta F. Sexual Violence and Family Honor: British Propaganda and International Law during the First World War. **The American Historical Review**, v. 102, n. 3, p. 714-747, jun. 1997.
- HOPKIN, Deian. Domestic censorship in the first world war. **Journal of Contemporary History**, v. 5, n. 4, 151–169, 1970.
- HORNE, John. **State, society and mobilization**: in Europe during the First World War. New York: Cambridge University Press, 1997.
- JAMES, Pearl. Introduction: Reading World War I Posters. In: JAMES, Pearl. **Picture This**: World War I Posters and Visual Culture. Lincoln: University of Nebraska Press, p. 1-36, 2009.
- JOHN, Richard R.; SILBERSTEIN-LOEB, Jonathan. **Making news**. The political economy of journalism in Britain and America from the glorious revolution to the Internet. Oxford: Oxford University Press, 2015.
- LASSWELL, Harold D. **Propaganda Technique in World War I**. mit Studies in Comparative Politics. Cambridge: mit Press, [1927] 1971.
- LEMOINE, Thierry. **Questions d'histoire contemporaine**: conflits, mémoires et identités. Paris: PUF, 2006.
- LIMA, Herman. **História da Caricatura no Brasil**. 4 volumes. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1963.
- LIPPMANN, Walter. **Public Opinion**. New York: Harcourt, Brace & Co., 1922.
- PIRES, Lívia Claro. **Intelectuais nas trincheiras**: a Liga Brasileira pelos Aliados e o debate sobre a Primeira Guerra Mundial (1914-1919). 2013. 171f. Mestrado (Dissertação em História) — Centro de Ciências Sociais, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2013.
- PIKE, Robert M.; WINSECK, Dwayne R. **Communication and Empire**. Media Markets and Globalization, 1860-1930. Durham & Londres: Duke University Press, 2007
- \_\_\_\_\_. The global media and the empire of liberal internationalism, circa 1910-30. **Media History**, v. 15, n. 1, p. 31-54, 2009.

PINONOS, Aurore. **Censure et Propagande du Progrès et du Salut Public en 1916**. 85f. Dissertação (Mestrado em Biblioteconomia e Ciências da Informação) — Université Lyon 2 Lumière, Lyon, 2015.

PROST, Antoine; WINTER, Jay. **The Great War in History: Debates and Controversies, 1914 to the Present**. Cambridge: Cambridge University Press, 2005.

SÁNCHEZ, Emiliano Gastón. La invasión alemana de Bélgica y la movilización visual en la prensa de Buenos Aires. Un estudio sobre las imágenes del diario *Crítica* durante los inicios de la Gran Guerra. **Revista Contemporânea**, n. 8, v. 2, p. 1-39, 2015.

SANDERS, Michael; TAYLOR, Philip M. **British Propaganda during the First World War, 1914-18**. London and Basingstoke: The MacMillan Press, 1982.

SANTOMAURO, Fernando. As **Políticas Culturais de França e Estados Unidos no Brasil**. 191f. Dissertação (Mestrado em História) — Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2007.

SCARFI, Juan Pablo. **The hidden history of international law in the Americas**. Empire and Legal Networks. Oxford; New York: Oxford University Press, 2017.

SILVA, André Felipe Cândido da. Nas trincheiras do front intelectual. Henrique da Rocha Lima e a Primeira Guerra Mundial no *Jornal do Commercio*. **Varia Historia**, Belo Horizonte, v. 31, n. 57, p. 635-671, 2015.

TATO, Maria Inés. Contra la corriente. Los intelectuales germanófilos argentinos frente a la Primera Guerra Mundial. **Jahrbuch für Geschichte Lateinamerikas**, v. 49, n. 1, p. 205-224, 2013.

TUCKER, Spencer C. (ed.). **The European Powers in the First World War: An Encyclopedia**. New York: Ixandon 1996.

VINHOSA, Francisco Luiz Teixeira. **O Brasil e a Primeira Guerra Mundial: a diplomacia brasileira e as grandes potências**. Rio de Janeiro: IHGB, 2015 [1990].

VOGT, Olgario Paulo. O alemanismo e o perigo alemão na literatura brasileira da primeira metade do século XX. **Signo**. Santa Cruz do Sul, v. 32, n. 53, p. 225-258, 2007.

WELCH, David. **Germany, Propaganda, and Total War, 1914-1918: The Sins of Omission**. New Brunswick, NJ: Rutgers University Press, 2000.

\_\_\_\_\_. WELCH, David. Introduction: Propaganda in Historical Perspective. CULL, Nicholas J.; CULBERT, David Culbert; WELCH, David (Ed.).

**Propaganda and Mass Persuasion.** Historical Encyclopedia, 1500 to the Present. Santa Barbara: ABC Clio, p. xv-xxi, 2003.

WINTER, Jay. Propaganda and the Mobilization of Consent. In: STRACHAN, Hew (ed.). **The Oxford Illustrated History of the First World War.** Oxford: Oxford University Press, 1998.

WOLFF, Jacques. Structure, fonctionnement et évolution du marché international des nouvelles. Les agences de presse de 1835 à 1934. **Revue économique**, v. 42, n. 3, p. 575-601, 1991.

Recebido em: 26/08/2020

Aprovado em: 21/09/2020